

A ternura e a admiração dos franceses

GILLES LAPOUGE

Nosso correspondente

PARIS — "E então, como vai Tancredo?" Ou ainda: "Tancredo está perdido; por que os médicos insistem em prolongar o suplício desse pobre homem?" "Depois de Tancredo, Sarney? Nada encorajador, não?"

Essas frases não foram pronunciadas no Brasil nem por brasileiros, mas por franceses, em Paris, um mês depois de o presidente ter entrado em sua agonia. Elas me foram dirigidas por franceses que sabem que eu tenho ligações com o Brasil. E são extraordinárias.

São extraordinárias porque ninguém, na França, conhecia sequer o nome e ainda menos o perfil de Tancredo Neves antes destas últimas semanas; antes, sobretudo, da véspera de sua posse, quando o velho homem, derrotado a fazer o seu país transpor o terrível limiar que separa a ditadura da democracia, foi abatido. Em outras palavras, foi no momento em que ele entrava no silêncio, e depois na agonia, que o presidente Tancredo Neves atingiu na França muito mais do que a celebridade: aquela estatura fora do comum dos homens que fazem a História.

Terrível paradoxo: foi preciso que esse homem, que durante 50 anos foi um ator sutil e honesto da política brasileira, mergulhasse nas sombras do mutismo, na ausência, para que a sua presença se tornasse repentinamente tão possante que chega a abalar a França, um país que nem mesmo chegou a conhecê-lo.

Como se se produzisse uma inversão radical de todos os signos, a ausência gerou uma presença poderosa. O mutismo de Tancredo começou a fazer barulho ensurdecedor. Surgiu uma espécie de ternura bizarra por esse homem que, repito, era inteiramente desconhecido aqui. A prova? Espontaneamente, os franceses falavam de Tancredo e não de Neves, quando ninguém aqui fala de François, mas somente de Mitterrand. Além disso, quando se tratava de seu sucessor, não era de José que me falavam, mas de Sarney.

Evidentemente, tudo isso é induzido, tudo não passa do reflexo obscuramente sentido pelos franceses, dos sentimentos do Brasil em relação a Tancredo, de um lado, e a Sarney, de outro. Mas esse interesse profundo manifestado pelos franceses, geralmente tão impermeáveis ao que acontece no Exterior, talvez tenha outras razões.

Em primeiro lugar há o Brasil. Um Brasil intemporal, essencial, que a França ama. Um país que faz parte do sonho francês há séculos. E além disso há um Brasil menos intemporal, o Brasil destes últimos 20 anos, ou seja, da ditadura. E a esperança de que ele esteja finalmente livre. Sobretudo numa época em que a América Latina inteira, depois de ter sido um dos focos mais mais detestáveis do absolutismo, vira de bordo e parece, com exceção do Chile, navegar para mares mais respeitáveis.

Há também a força das imagens. Quando a gente contempla um espetáculo de uma posição muito distante, não retém os pormenores, mas os conjuntos e os momentos essenciais. Ora, sob esse ponto de vista, é preciso admitir que o Brasil é um grande distribuidor de imagens fortes, sejam estas belas ou sórdidas, portadoras de esperanças ou de trevas.

Deixemos de lado aqui as imagens do carnaval, ou da macumba. Mas no campo político, as imagens que os franceses têm recebido do Brasil são de altíssimo relevo. Os franceses se recordam do suicídio de Getúlio Vargas (e da caneta de ouro legada a Tancredo). Recordam-se das exclamações apocalípticas de Malraux diante do enigma cristalino de Brasília. Eles se recordam da vinda dos militares, do estrepito das torturas. Recordam-se dos magníficos comícios de todo um povo pelas Diretas-já.

E hoje, eis essa nova imagem: a desse pequeno homem que leva em si o futuro de um dos maiores países do mundo, mas a quem o destino escolheu para fuzilar cegamente, precisamente no momento em que ele acolhia em seus braços o grande corpo mutilado e doloroso, de seu próprio país. Cenas que não pertencem mais ao teatro duvidoso da política, mas ao teatro ensanguentado da História, e que atingem como por distração, como em um sonho, as fatalidades tenebrosas de um Shakespeare ou de um Ésquilo.